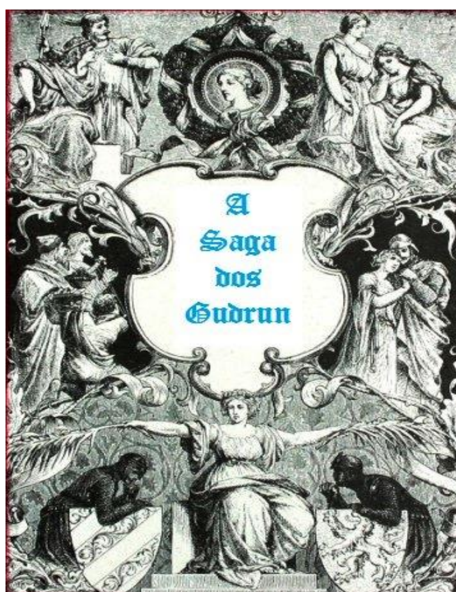
Salomão Rovedo



Capa: Irolt-De Gudrún Sêger

A saga dos Gudrún

Rio de Janeiro
2018

Salomão Rovedo

A saga dos Gudrún

(Novela)

Rio de Janeiro
2018

I

Esta narrativa pretende contar a história dos Gudrún, que reinaram na Friolândia. Eram Reis, não porque quisessem estar Reis ou Ditadores – os Gudrún eram cidadãos comuns – mas a população os nomeou assim, e assim sucedeu até que o último dos Gudrún falecesse sem deixar nenhum filho capaz de assumir a coroa. Então o reino também morreu.

Vou tentar contar a saga dos Gudrún resumidamente, mas como não sou historiador a narrativa pode sair meio ou inteiramente caótica. Nunca se sabe. Começarei por contar a história de Gudrún I – bem sabendo que não há primeiro sem segundo – mas como está dito que o Rei-pai de Gudrún II terá sua vez aqui, desde logo este será nomeado Gudrún I.

Gudrún I não começou Rei-pai, Gudrún não herdou nenhuma coroa, mesmo porque a Friolândia era uma nação-cidade: pequena em tamanho, pequena em população, pequena em riqueza, era um país tão pobre que não despertava a ambição de nenhum outro império, nem dava despesas a outro estado para sobreviver.

II

O cidadão Gudrún

Como ia dizendo, Gudrún era um cidadão comum cuja árvore familiar nasceu, cresceu a morou na Friolândia há esquecidos anos na memória. Não teríamos nenhum motivo para destacar esta família das demais e tudo ficaria ocultado se ali não morasse gente de bem, que pensava a cidade em que viviam também como uma grande família.

Seu nome só começou a se destacar quando inventou um sistema em que todos plantavam em suas terras e todos consumiam tudo o que as famílias produziam e as sobras (que nunca eram excessivas), eram trocadas entre si de acordo com a necessidade. Não precisa dizer que isso trouxe a tranquilidade alimentar que as famílias precisavam para se organizar socialmente.

Se antes a luta pela sobrevivência consumia toda a energia e desagregava a família, o sistema que Gudrún I implantou – copiado daquilo que sua família executava há anos – fez com que a educação e a saúde, por exemplo, ganhassem mais tempo para serem tratados.

Tudo que os Gudrún descobriam para que a terra que lhes foi destinada produzisse em maior quantidade, melhor qualidade e menores custos (financeiros e físicos), imediatamente transmitiam aos vizinhos que, por sua vez, repassavam e ensinavam o que aprenderam. Foi assim que o nome de Gudrún I foi dado à cabeça do clã.

Num dos encontros dominicais, quando todos se reuniam em torno de Gudrún para ouvi-lo e cumprimentá-lo, foi também cercado por centenas de meninos e meninas. Gudrún abaixou-se para acolher as crianças entre abraços e afagos carinhosos como sempre fazia. De repente ouviu uma delas gritar:

– Rei-pai Gudrún!

E foi diante daquele coral de vozes infantis repetindo Rei-pai Gudrún! Rei-pai Gudrún! Rei-pai Gudrún! – que verdadeiramente Gudrún I nasceu como Rei-pai: coroado pelas crianças.

III

A Friolândia

A Friolândia, cujo nome é bem explicativo, é uma terra muito fria. Basta dizer que no verão a temperatura nunca ultrapassa os 15°C. Para encontrar um clima quente – igual aos que viam nos filmes coloridos que mostravam a paisagem de verão no Rio de Janeiro – os moradores tinham que fazer longas caminhadas até a terra dos gêiseres.

Chegar à terra dos gêiseres constituía uma maravilhosa aventura, sonho de qualquer família. Mas, em lá chegando, tudo valia a pena. Desde o início da caminhada, aquilo que a princípio se mostrava como um sacrifício necessário, aos poucos ia transformando o ânimo dos caminhantes.

Havia um pico – o Pico Branco – cuja brancura da neve se destacava na paisagem e era visto em todas as direções. Era ali o ponto a ultrapassar, o marco zero. Depois dele, o milagre se faria.

É que, ao rodear a montanha do Pico Branco, a estrada começava a se transformar: não havia mais neves nem mesmo nas beiradas, as pedras apareciam ressecadas e avermelhadas, logo a seguir começavam a aparecer os primeiros tufos de vegetação, os arbustos. A lembrança do frio só se faria se alguém voltasse o olhar para o Pico Branco, que se mantinha imperioso e real.

Sobre os galhos das pequenas árvores os pássaros começavam a pular, dando revoadas e a cantar animada sinfonia. Os bichos, os calangos, os camaleões, as cobras, rastejavam por entre os pés dos caminhantes fugindo do ruído das passadas, cada vez mais apressadas rumo ao paraíso. Paca, tatu, cotia não! Os meninos cantavam dando pulos, adiantando-se aos adultos cansados da longa caminhada.

IV

Incidente na alcova

Alguém pode pensar que basta ser bom Rei-pai para o seu reino e boa-praça para o povo, e passará para a história como um bom Rei-pai.

Mas não é bem assim.

Existe um reino mais importante que aquele que atravessa os campos e se estende até as distantes fronteiras, com bandeira, galardão e hino: é o reino da sua casa, do seu lar, que começa nos jardins, cobre todo o palácio.

Essa geografia é que limita o reino verdadeiro, onde tudo se faz: o quarto de dormir, os aposentos particulares. Todos os homens e mulheres são reis e rainhas desse espaço. O Rei-pai para ser perfeito e completo também tem que reinar sobre esta casa, sobre sua alcova.

Embora tudo ocorresse bem em todo o reino e o casamento do Rei-pai já se estendesse por mais de cinco décadas, um incidente havido na

alcova do casal imperial quebrou a paz doméstica. A Rainha-mãe não era mais aquela mulher esbelta e sorridente que há mais de cinquenta anos havia conquistado o coração do Rei-pai e de seus súditos.

Não.

A partir do momento em que os três filhos do casal adquiriram a maioridade e o silêncio se fizera na alcova imperial – ou porque a natureza tomasse conta da alma biológica da mulher ou até por influências externas às quais a Rainha-mãe estava sempre disponível – o humor da Rainha-mãe mudou da água para o vinho.

V

Os herdeiros do Rei-pai

O casal havia tido três filhos: o primogênito, homem, educado nas melhores casas imperiais, estava pronto para assumir o trono assim que chegasse o dia já determinado pelo Rei-pai para abdicar; uma princesa, bonita, formada nas melhores universidades e com casamento marcado com um plebeu dinamarquês, herdeiro de fábrica de aviões.

O terceiro – e último na linha de sucessão – era homem e mulher ao mesmo tempo, tinha tudo dos dois sexos. Era andrógino. Quando nasceu os ignorantes ficaram atônitos, mas não a parteira que, com explicações de caráter religioso e científico, pôs tudo em ordem.

– O andrógino é como anjo que – ao contrário do que diz a tradição – tem sexo: os dois.

Desde bebê se via perfeitamente os dois sexos bem distintos, cada qual no seu devido lugar. Era a mais bonita configuração da natureza: o garoto era saudável como um atleta, mas quando os seios cresceram se transformou na mais bela adolescente. Um fauno sátiro, uma ninfeta...

Quando cortava os cabelos curtos era o rapaz que todas as moças queriam para amante e namorado. Como as formas femininas se destacavam mais, chamou-se Maria João. Será por causa da inteligência destacada que se

dedicou aos estudos científicos da biologia humana, ganhou inúmeros prêmios.

Na universidade, tendo terminado todos os cursos, Maria-João continua realizando pesquisas, que divulga em artigos e trabalhos publicados nas revistas científicas mais prestigiadas do mundo.

VI

Intrigas palacianas

O Rei-pai meditava. Para falar a verdade nem mesmo o Rei-pai tinha lembrança daquilo que provocou a discussão que, transformada em palavreado de longos minutos, acabou por romper os elos já corroídos do matrimônio.

Os únicos sons que ainda reverberam na atormentada cabeça imperial são as palavras finais da Rainha-mãe na discussão:

– Fora daqui! E o dedo ríspido apontado para a porta.

– Ora bolas! – perguntou a seus botões – como isto tudo principiou?

Tais discussões não têm começo nem fim. Apenas resulta de minudências que ocasionam danos e à falta de mero perdão, à falta da compreensão da pessoa alheia, a batalha se estende para o resto das vidas.

O Rei-pai debitava o fato às constantes mudanças nos sentimentos da Rainha-mãe, debitados à chegada da menopausa. Até mesmo no aspecto religioso: a Rainha-mãe que era católica devota de repente se viu embarcada no experimento de outras seitas, uma das quais, de maior gravidade, trouxera para o interior da morada membros do Santo Dai-me.

Uma seita explosiva e separatista, como se verá...

VII

Todos os santos

A essa afronta o Rei-pai combateu de imediato e com mão de ferro, porque não permitiria que ninguém que tivesse nome de santo aportasse em seus domínios, para não ferir a imagem do santo patrono do país, São José de Ribamar.

Debelada a afronta, o Rei-pai fazia vista grossa e admitia alguma saída às escondidas da Rainha-mãe, para o cerimonial que deixara nela o vício de beber o chá psicótico pelo menos uma vez por mês.

Tudo que alguém assoprasse aos ouvidos da Rainha-mãe com interesse de obter favores era motivo para que ela assumisse compromissos, mudasse hábitos, transformasse o sagrado lar na base desses movimentos.

Certo tempo ela foi influenciada pela mania do veganismo e o Rei-pai teve que aturar alguns meses da alimentação vegana, que a Rainha-mãe chamava de comida dos anjos, pois os veganos nada comem que não seja da natureza vegetal ou mineral.

Todos os produtos animais são renegados, até mesmo o leite, os ovos, o mel, o queijo.

Não levou tempo para a mesa se dividir em dois ambientes distintos, para evitar que o cardápio de manjares carnívoros do Rei-pai se abrigasse junto à santidade comida vegana no mesmo campo de batalha.

VIII

Magia negra

No outro dia – ou melhor, outra noite – o Rei-pai acordou ao rufar dos tambores, coisa que naquele reino só se ouvia em dias festivos – mas estes pareciam tambores de guerra. Levantou-se espantado e dirigiu o olhar para o rumor e excessiva claridade que vinham dos jardins, cuidadosamente tratados pelos melhores jardineiros do reino.

O espetáculo não deixou de espantá-lo. Um grande círculo formado de participantes negros, negras, mulatos, mulatas, brancos, brancas, todos vestidos com paramentos alvos, turbantes enrolados em forma de coroa, colares de olho-de-boi, entoando canções como se anunciassem catástrofes e guerras.

Só depois o Rei-pai soube que eram cantos religiosos.

Bem no centro da roda, com os cabelos desgrenhados esvoaçando, a saia branca rendada volteando em torno da fogueira, estava a Rainha-mãe. Desolado o Rei-pai voltou ao leito para tentar dormir mais um pouco. Não pôde.

Foi assim o primeiro contato do Rei-pai com a umbanda, o candomblé, a macumba, o tambor de mina – todas essas variantes religiosas que um dia ultrajaram o seu recanto.

No dia seguinte, ao fazer a caminhada matinal no bonito jardim, cujas plantas eram artisticamente podadas e formavam desenhos de cuja beleza a fama corria mundo, o Rei-pai pôde ver o estrago da festança.

Em torno de um lago onde cisnes flutuavam plácidos, toda uma gama de coisas esquisitas se encontrou durante a limpeza: pontas de charuto, flores mortas, terrinas com comidas coloridas, montículos de balas e doces, bichos sacrificados, velas de todo tamanho e cor.

IX

A Rainha-mãe menstruada

Certo dia que ninguém conseguia antecipar tudo mudava como mudava o humor da Rainha-mãe durante a menstruação. Era esperar para ver qual seria a novidade a se abater no pacato reino, assim que a Rainha-mãe trocasse de hábito...

Esse comportamento sempre abria caminho a alguma discussão, pois o Rei-pai se achava na obrigação de defender o seu reino, os seus súditos

dessas invasões demoníacas, que ocorria toda vez que alguma novidade influenciasse a Rainha-mãe.

Tudo acabava em algum prejuízo próprio que a Rainha-mãe jamais percebia ou se deixava convencer de que estava sendo explorada.

Tudo corria de modo a plantar a desarmonia, que por sua vez desembocava em atritos constantes, discussões intermináveis, que, entretanto, não ultrapassavam as bandeiras das portas.

Para acabar com essas altercações, que já provocavam rumores e ruídos movimentados no palácio que inteiro dormia, o Rei-pai se retirou do quarto e foi caminhar pelos corredores. Ao caminhar silencioso entre as sombras o Rei-pai se deu conta que estava para perder o pedaço mais precioso do seu reinado: o seu quarto.

X

O espírito errante

Estava assim absorto, a passos curtos, vendo alguns quadros nas paredes, peças e ornamentos tradicionais da cavalaria, esperando que alguma raiva espairecesse. Com essa dispersão de espírito o Rei-pai alcançou o amanhecer.

E quando a claridade que varava a janela o deixou ofuscado por alguns instantes ele se deu conta que estava num ambiente estranho, em algum lugar do palácio que não costumava frequentar.

Chegando à janela afastou as cortinas e abriu-as de par em par e o que viu em verdade era a parte de trás do palácio. O pátio interno, os portões vastos que se abriam para o campo onde se plantava tudo aquilo que era consumido em sua casa. Algumas dezenas de empregados já se movimentavam cada qual executando uma atividade.

Em primeiro plano se via as fileiras simétricas de hortaliças, os tomateiros salpicados de frutos verdes e vermelhos, as pimentas e pimentões, berinjelas, pepinos e assim por diante. Mais além do extenso

terreno se estendia um trigal à esquerda, plantado junto com arroz e à direita alguns cafeeiros dividiam lugar com as laranjas, limões e outras frutas.

Essa paisagem trouxe-lhe a paz de espírito, emburrada por um grande encher de pulmões.

XI

Os tomates reais

A fileira de tomateiros trouxe à lembrança um atrito que seu pai teve com os agricultores e fazendeiros aqui no reino.

O velho regente impediu que houvesse alguma discussão quando plantadores de tomates fizeram grave protesto.

Os agricultores exigiam isenção de imposto, afirmando que o tomate era um legume e não fruta. Legumes estavam isentos de impostos, frutas não.

A alegação final citava a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, que em 1893 declarou ser o tomate um legume, apesar da comprovação científica de que se trata de uma fruta.

Houve altercação, bate-barba, contenda de lado a lado.

Antes que o sururu se transformasse em bagunça e desordem, o regente seguiu as próprias tradições, lembrando que as leis do reino foram implantadas pela cultura, pelo conhecimento trazido e transmitido desde gerações, pelos avós e bisavós.

Assim, declarou o Rei-pai em edital, está dito pela ciência botânica que o tomate é um fruto e fruto continuará sendo, apesar Suprema Corte dos Estados Unidos – e ponto final.

XII

Rei-pai posto, Rei-pai deposto

Esquecida esta breve lembrança o Rei-pai voltou a si e passou a examinar o recinto em que se encontrava. À sua direita havia um banheiro, com lavado, duchas e certamente alguma banheira no interior. Ao notar que o lugar estava vazio, encaminhou-se para lá. De dentro recendia o cheiro de sabonetes, xampus e outras perfumarias habituais do ambiente.

O Rei-pai sentiu-se à vontade para fazer as necessidades matutinas. Depois tomou um banho, escolheu uma toalha, que estavam alvas a limpas, mas não tinham quaisquer insígnias como as suas. Enxugou-se e voltou à janela de onde encheu os pulmões do ar frio e levemente perfumado que vinha das árvores.

Do lado esquerdo havia um quarto, não tão grande como o seu, mas amplamente dividido, com guarda-roupas, cômodas, assentos e uma cama espaçosa. Como não havia dormido, ficou animado com o cheiro do café que vinha do pátio, logo abaixo daquela janela.

Desceu e ao primeiro criado que encontrou, espantado com a presença inesperada do Rei-pai, mostrou a janela aberta de par em par, a cortinas esvoaçadas pela corrente de vento e perguntou quem habitava aqueles cômodos.

Só então, diante da explicação do labirinto, pôde se localizar melhor: estava na cozinha do castelo, que era também parte importante do seu reino.

Sentou-se à grande mesa de madeira rústica, acompanhando com o olhar a azáfama matinal dos funcionários. Era incrível como tudo funcionava bem, cada qual desempenhando as obrigações e afazeres com competência, rapidez necessária a cada caso, cujo resultado positivo aparecia bem claro a seus olhos argutos. Assim deveria funcionar um reino, pensou.

XIII

O reino desconhecido

Alguns empregados, que iriam tomar suas ocupações mais tarde, enchiam as canecas com o café que recendia de enorme bule, dos pães amontoados numa cesta de vime, que eram consumidos recheados com generosa porção dos ovos mexidos com toucinho – ou cada qual (pães e ovos mexidos) em pedaços separados e fatias de presunto cru.

Por fim, encerrava a sessão uma canecada de sopa de entulho, e com esse caldo conseguiriam reforço energético necessário para suportar a primeira fase da faina diária.

Atarantado com todo o movimento, o Rei-pai se viu de repente cercado de vários empregados, que, atoalhando o local onde estava, serviram inúmeros pratos, cada qual com um pouco das iguarias, além de uma jarra de vinho, argumentos aos quais não pôde – nem quereria – contestar.

E não deixou de sorrir de felicidade até chegar ao fim daquela inesperada refeição matinal.

Ao assear a boca, as mãos e as pontas dos dedos em guardanapo úmido os empregados, liderados pela chefa, de rosto corado e olhos vivos, liderou uma salva de palmas e bravos, parabenizando o Rei-pai pelo desempenho, porque diante de si não ficou uma casquinha de pão, uma colher de caldo, um naco de bacon, um mexido de ovos, uma gota de vinho.

XIV

O Desterro

O aposento no qual o Rei-pai foi parar aquela noite estava desocupado. A empregada que o usava tinha sido transferida para outra unidade em nova função. Localizado na extremidade posterior do grande edifício, voltado para o nascente.

O caminho que o Rei-pai percorrera à noite absorto em seus pensamentos mais tristes formava como que uma linha grega completa. Assim pôde o Rei-pai se localizar no labirinto dos corredores: daquele ponto ele poderia se deslocar rapidamente para qualquer destino.

O cômodo era contíguo a outro quarto, menor, mas confortável por igual. O Rei-pai quis conhecer a antiga habitante do quarto e ela foi trazida à sua presença. Mina, era o nome dela, tinha a pele naturalmente morena, quase negra. Os cabelos, também negros, estavam arrumados em coque e cobertos por uma touca.

– É claro você conhece bem seu antigo quarto – disse o Rei-pai. Quero que o prepare para mim, a seu jeito, mas sem deixar de lembrar a quem se destina.

XV

O novo castelo

O Rei-pai deu as ordens:

Irei passar muitos dias aqui, morando e despachando, portanto posicione no lugar uma mesa grande e uma poltrona igual para servir de escritório. O mesmo servirá para o banheiro: quero-o do jeito que possa dispor dele a qualquer momento. Aquele quarto ali ao lado você arrumará para ficar nele, ao meu serviço. Traga todas as suas coisas de onde está, avise a quem for necessário que o Rei-pai a convocou para estar à disposição. Não terá nem quero ouvir discussão alguma sobre o que ordeno. Simplesmente faça.

E assim foi feito. E de repente aquele local esquecido começou a se tornar movimentado e importante, deslocando grande atividade antigamente executadas na biblioteca real.

Desde as primeiras horas da manhã, ao cantar do galo, tudo começava a se mover, pois o Rei-pai – ao contrário da Rainha-mãe – era de acordar cedo e se pôr logo em atividade. Porém, antes do Rei-pai pôr os pés no soalho, ele já encontrava Mina trabalhando, o que se tornou uma bênção.

Devido ao tino agudo e à afinidade de pensamento, antecipando-se até ao pensamento dele, ela se tornou peça importante para o Rei-pai que, em reconhecimento, dispensou o uso do uniforme tradicional das serviçais, transformando-a em secretária particular.

E agora Mina transitava por todo o palácio com roupas, não faustosas, mas elegantes e de tons discretos. Seus cabelos negros desciam para abaixo dos ombros, quase chegando à cintura.

Foi, segundo o Rei-pai, figura imprescindível para a preparação da grande troca de cabeças imperiais, na transição de comando que o Rei-pai definia para o príncipe herdeiro. Aparato esplendor grandeza magnificência majestade ostentação pompa.

XVI

O retorno

Reizinho meu! Obrigada pela sua sanidade.

A Rainha-mãe-mãe-mãe não tá tanto...

Bem. E nada que você fez vai sair das entranhas dela...

Estamos guardando todas as suas coisas!

Tem muito excesso de papel em mau estado e tem coisas boas também.

Hoje a Rainha-mãe-mãe-mãe disse que você tinha que voltar ao quarto-real e ao seu escritório no quartinho anexo.

Até achei uma ideia legal.

Bem você é que sabe.

Só agradeci a Deus por você estar à frente de tudo, ainda que de modo anônimo.

Foi melhor para o reino.

E com essa postura – e porque tudo que você falou é verdade – quando se morre nada disso vai importar.

Sou muito parecida com a Rainha-mãe-mãe-mãe no sentido de ir guardando as coisas.

Também sou muito parecido ao meu Rei-pai-pai, mas estou pensando em mudar isso.

Porque vejo a Rainha-mãe-mãe-mãe muito amarga e rancorosa.

Fico muito triste porque eu só queria ter levado a vida mais a sério para que a gente pudesse estar melhor hoje em dia.

Também jamais imaginaria que o Deus criador fosse inventar um ser assim como nasci – nem sei como explicar: carrego duas pessoas em uma?

Verdade é, meu Rei-pai-pai, que encarnando um ser assim tão estranho – estranho a mim mesma – jamais poderei reinar.

Tudo que meu Rei-pai-pai criou e que a Rainha-mãe-mãe-mãe quase reinventou com suas estranhas tragédias e comédias, fica para o povo.

Meu Rei-pai-pai, o sábio Gudrún, saberá dar destinação.

FIM